

OS DESAFIOS DA RELAÇÃO DOCENTE-DISCENTE EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO E PANDEMIA

Márcio Andrade Lyrio Baldes

Resumo

A relação entre professor e aluno é influenciada por fatores no ambiente escolar e por fatores que vão além das paredes da escola. É uma interação repleta de desafios, no curso da história, devido às mudanças estruturais do sistema capitalista e recentemente assumiu contornos diferentes e mais complexos, com uma educação remota quase imposta por condições adversas causadas pela ação planetária do novo corona vírus. Diante deste quadro sombrio, o ensino tem sido um dos focos de tensões e dificuldades. O domínio das novas tecnologias digitais, a melhoria consistente e contínua, a relação com um aluno mais inquieto e o posicionamento crítico são desafios que se apresentam ao corpo docente e que exigem uma releitura de conceitos. A pandemia COVID-19 atua como um “gatilho” no sentido de que demonstra de forma mais incisiva a necessidade de treinamento contínuo e mudanças na cultura da escola. O mundo mudou e a escola também tem que passar por um processo de redefinição. Esta revisão inclui, entre outras características, atividades pedagógicas, organização didática, mudanças em infraestrutura e o papel político de seus docentes e alunos em tempos de globalização e pandemia.

Palavras-chave: Globalização, Tecnologia, Pandemia, Educação, Professor, Estudante.

THE CHALLENGES OF THE TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP IN TIMES OF GLOBALIZATION AND PANDEMIC

Abstract

The relationship between teacher and student is influenced by factors in the school environment and by factors that go beyond the school walls. It is an interaction fraught with challenges, in the course of history if due to the structural changes of the capitalist system and recently has assumed different and more complex contours with a remote education almost imposed by adverse conditions caused by the planetary action of the new coronavirus. Faced with this bleak picture, teaching has been one of the focuses of tensions and difficulties. The mastery of new digital technologies, the consistent and continuous improvement, the relationship with a more restless student and the critical positioning are challenges that present themselves to the teaching staff and that require a rereading of concepts. The COVID-19 pandemic acts as a "trigger" in the sense that it more incisively demonstrates the need for continued training and changes in school culture. The world has changed and the school also has to go through a process of redefinition. This review includes, among other characteristics, pedagogical activities, didactic organization, changes in infrastructure, and the political role of its faculty and students in times of globalization and pandemic.

Keywords: Globalization. Technology. Pandemic. Education. Teacher. Student.

Introdução

É comum ouvir as pessoas mais antigas afirmarem nostálgicamente que nos seus tempos de alunos os professores tinham mais atenção e respeito das classes, afirmam ainda que a escola do passado era melhor que a atual. Os comentários desse tipo fazem parte do nosso cotidiano e criam uma ideia de que a educação está piorando com o passar do tempo. O que aconteceu com a educação? De fato, perdeu qualidade? Pensar o ensino antes da década de 1980, considerada ponto de partida da intensificação do processo de globalização, requer atenção aos detalhes. Como era o Brasil antes dos anos 80? Um país em processo de urbanização, ainda sem atingir grande nível de ocupação urbana, mudanças tecnológicas e científicas menos complexas. O professor nesta época não convivia com ferramentas poderosas de informação e conhecimento, por isso, sua função, no geral, ocupava mais espaço no imaginário popular como uma referência importante em conhecimento. Ainda não existia o *google*, o *whatsapp* e o *facebook*. Não havia uma circulação de informações como temos hoje, século XXI.

O mundo tinha um ritmo mais lento e um fluxo de estímulos audiovisuais de menor intensidade. Isso facilitava mais a concentração mental dos jovens nas lições. Não é somente esse aspecto, o mercado de trabalho era mais previsível e estável, sendo, os empregos mais duradouros e menos exigentes. As oportunidades no nível de ensino secundário e superior eram mais restritas. Os estudantes privilegiados das classes média e alta tinham maiores possibilidades de inserção e crescimento profissional, pois, além de terem acesso aos níveis mais altos de instrução, chegavam a um mercado de trabalho com carências significativas de trabalhadores qualificados. As perspectivas de sucesso na carreira eram maiores e mais restritas a um público seletivo. A partir dos anos 80, o processo de mundialização é impulsionado, inclusive no Brasil. A participação brasileira ganhou mais fôlego no decorrer da década de 1990. As transformações científicas, sociais, econômicas e tecnológicas impactaram a educação escolar e conseqüentemente às relações entre mestres e aprendizes. O profissional do ensino começa a coexistir mais intensamente com o *Google*, as redes sociais, TV por assinatura, *games*, etc. O aceleramento do espaço geográfico mundial criou a necessidade de consistente e contínua

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

atualização dos educadores. Os educandos desse período de intensas mudanças são mais agitados por conta da hiperestimulação dos meios de comunicação.

O ensino tornou-se mais acessível e complexo, alcançando às classes populares. Estas camadas da população chegaram em maior quantidade às escolas com suas defasagens e dificuldades. Apesar da grande oferta de ensino, o acesso ao mercado de trabalho foi reduzido consideravelmente por conta das crises e instabilidades do capitalismo globalizado. Com isso, as perspectivas de inserção e ascensão profissional, sobretudo, das classes baixa e média, apresentaram declínio. Nestas circunstâncias, a relação docente-discente é marcada por tensões sociais que extrapolam a realidade cotidiana das escolas, isto é, ultrapassam às dificuldades de aprendizagem, conduta, metodológicas e de infraestrutura. Além dos desequilíbrios conjunturais típicos do capitalismo, o mundo foi surpreendido por uma pandemia que começou na China e se espalhou velozmente. De repente, um vírus acometeu o planeta, profissionais e estudantes viram-se obrigados a se ajustarem abruptamente ao ensino remoto, muitos sem acesso à Internet e sem domínio dos instrumentos da tecnologia digital. A problemática mencionada tornou mais evidente o descompasso entre o mundo escolar e o exterior.

Globalização e educação escolar: mudanças e crises

O educar já foi mais fácil no passado? O educar se tornou mais difícil hoje? O que mudou no mundo e na educação? Quais as crises do mundo contemporâneo? Quais são os desafios da educação do século XXI? Essas dúvidas e questionamentos rondam o nosso pensamento. Nesse emaranhado de dúvidas, a ideia mais certa que temos diz respeito às mudanças impostas pelo capitalismo e a dificuldade da escola de responder adequadamente às inúmeras transformações científicas e tecnológicas que se manifestaram no planeta, sobretudo, a partir da década de 1980. A educação sempre teve problemas, independentemente de ser do passado ou do presente, porém, a globalização com suas mudanças tecnológicas e no mundo do trabalho colocou em maior evidência as limitações escolares. Pôs em destaque o desafio de formar professores, de dar um preparo

adequado aos alunos e a própria relação entre docente e discente tornou-se mais complexa e merecedora de maior atenção.

Antes de adentrar na problemática do ensino, cabe aqui, destacar conceitos pertinentes acerca da globalização. Na concepção de Milton Santos, o referido processo é uma etapa avançada do sistema capitalista ou da dita internacionalização do capital. Esse modelo se originou de intervenções e alterações políticas e técnicas. Na sua visão, o fenômeno apresenta três dimensões ou formas de ser analisado. É entendido como fábula no sentido que tem uma capacidade de levar os sujeitos à compreensão errônea do mundo. Nas suas próprias palavras, o mundo é: “confuso e confusamente percebido”. A segunda dimensão é a perversidade. Ela impõe-se aos sujeitos de maneira opressora, provocando desemprego e aumentando as desigualdades sociais. O terceiro olhar sobre a referida questão é a possibilidade de desenvolver uma alternativa mais humanitária e emancipatória (SANTOS, 2017, pp.17-24).

Nessa mesma linha de análise, outro autor faz uma crítica ao capitalismo ou globalização, ressalta o seu caráter desigual e abrangente. De acordo com a visão de Bauman:

A globalização tanto divide como une; divide enquanto une – e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo. Junto com as dimensões planetárias dos negócios, das finanças, do comércio e do fluxo de informação, é colocado em movimento um processo de fixação no espaço (...) o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejado e cruel (BAUMAN, 1999, p.8).

Portanto, é possível perceber que se trata de um evento que possui uma uniformidade e, ao mesmo tempo provoca divisão na medida em que prospera certas regiões, enquanto, outras ficam à margem dos grandes fluxos. A mundialização é uma complexa expansão do capital internacional que de modo articulado e segregador foi construindo uma rede planetária de transportes e telecomunicações. Por meio dessas redes, há uma intensa circulação de capitais, informações, mercadorias e pessoas. Diante do exposto até aqui, cabe perguntar, quais as raízes desse fenômeno? Na concepção de Demétrio Magnoli, a década de 70 ficou marcada por uma crise do sistema, um abalo da própria estrutura capitalista, desgastada com profundas instabilidades, dentre as variações perturbadoras, estavam às constantes modificações do preço do barril de petróleo,

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

importante insumo das indústrias. É uma crise sistêmica e também influenciada pelo petróleo. Nos anos 80, a proposta neoliberal ganha força nos discursos e ações políticas. De acordo com a concepção dos neoliberais, o Estado deveria abandonar o intervencionismo na economia e deixar fluir os negócios, eliminando obstáculos ou barreiras. Para o referido autor, essa reorganização do capitalismo internacional é o que chamamos de globalização, com seus fluxos de comércio e de capitais que estão conquistando espaço desde a década de 80 a partir de uma mudança intensa nas comunicações (MAGNOLI, 1996, pp.147-155).

Diante das análises sobre a mundialização, cabe questionar, qual o propósito de levantar essa discussão? Quais as implicações desses acontecimentos na escola e na relação entre mestres e aprendizes? A escola do passado, anterior às mudanças já mencionadas, preparava seus alunos para um cenário com mudanças num ritmo mais lento que os tempos atuais. A clientela das escolas secundárias e das faculdades era mais homogênea, isto é, com um público de origem social semelhante. O mundo exigia menos, não havia uma necessidade de formação continuada como acontece nos novos tempos das redes sociais e tecnologias digitais, em geral. O perfil de aluno mudou, até porque, o mundo do trabalho exige pessoas com melhor qualificação. A questão aqui não consiste em definir a melhor escola, a anterior ou a atual. Os contextos sociais são diferentes. O que sabemos é da necessidade de redefinir a escola, de adequá-la. O aluno mudou, então, não devemos tratá-lo como décadas ou séculos anteriores, os problemas que se apresentam aos docentes e discentes são outros, distintos dos enfrentados no passado.

Você já deve ter prestado atenção naquelas fotos de alunos que eram feitas no passado, sentado, com semblante sério, com livros sobre a mesa, um globo terrestre e ao fundo uma bandeira do Brasil. É uma imagem de estudante que contrasta com a imagem que temos hoje. O jovem atual é mais descontraído, mais agitado, mais desconcentrado e menos preocupado com ritos e formalidades. Certamente você deve lembrar ou já ter visto na televisão o professor tradicional, com sua vestimenta mais formal, seriedade ou ar mais autoritário, certo de que detém o conhecimento e que consegue exercer autoridade na sala de aula. É uma cena que não conseguimos visualizar com muita frequência nas nossas escolas, não é mesmo? Pois bem, é dessa forma, o aluno já não é o mesmo e o professor idem, os educadores atuais, pelo menos uma parcela, tem buscado ser original, eles

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

cantam, dançam, fazem uma aula show, tudo para conseguir a atenção dos seus alunos. Eles fazem isso por uma necessidade de atender as demandas de um mundo estruturado em redes. Para Castells (2018, p.77): “As novas tecnologias estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais”. O professor do século XXI está aos poucos se reinventando, tendo de aprender novas metodologias e de ter o domínio de tecnologias, tudo isso para conseguir obter melhores resultados com os seus alunos, ter uma resposta deles, parecida com aquela que a televisão tem do seu telespectador ou com aquela que a rede social tem com seu membro virtual. Para dar mais ênfase às mudanças educacionais, de postura dos alunos, trago para uma reflexão as considerações de Nilbo Ribeiro Nogueira:

[...] o aluno de hoje vive em uma sociedade altamente frenética. Tudo acontece de forma extremamente veloz, como, por exemplo, a sua ida com o pai ao caixa eletrônico de um banco, suas compras no supermercado que possui caixas com leitura óptica, seus trabalhos realizados com pesquisas na Internet (...) como podemos imaginar que eles se sentem ao sair de um meio altamente frenético e adentrar em sala de aula, em que tudo acontece ainda de forma muito lenta? (...). Não podemos encarar nossos alunos como aqueles de 10, 20 ou 30 anos atrás. Aquilo que praticamos ontem não é mais suportável hoje (NOGUEIRA, 2001, pp.26-27).

A compreensão do autor é pertinente no sentido que não está comparando os tipos de escolas ou tipos de alunos de modo aleatório, conforme o pensamento comum. Na verdade, o estudo considera o contexto histórico e as grandes alterações em diferentes campos. O aluno do século XXI está exposto a milhares de sons e imagens diariamente. Isso tem criado na visão de Edgar Morin (2014, p.21), um estudante com a “cabeça bem cheia”. O mesmo define o termo da seguinte maneira: “O significado de uma cabeça bem cheia é óbvio: é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido”. O contrário a essa tese, é a ideia de “cabeça bem feita”, que o pensador define desse modo: “significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor de: uma aptidão geral para colocar e tratar problemas e princípios que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido”. O entendimento do autor vai ao encontro da reflexão anterior sobre as mudanças tecnológicas e informacionais. Os jovens estão expostos a uma quantidade imensa de informações,

acumulando muitos dados, porém, sem conseguir atribuir um sentido ou significado. Por conta disso, o jovem na atualidade é mais desorientado, inquieto e ansioso, claro que não é somente isso, no entanto, as questões citadas interferem decisivamente no comportamento. O psiquiatra e pesquisador Augusto Cury escreveu sobre a conduta dos jovens em um mundo muito acelerado e repleto de estimulação:

Esperávamos que no século XXI os jovens amassem a arte de pensar. Mas muitos vivem alienados, não pensam no futuro, não têm garra e projetos de vida (...) Fizemos da memória de nossas crianças um banco de dados. Nossa memória virou um depósito de informações inúteis (...) o número de escolas expandiu como em nenhuma outra época, mas não estamos produzindo pensadores (...) a mídia os seduziu com estímulos rápidos e prontos. Esse bombardeio de estímulos não é inofensivo. Com o tempo os as crianças e adolescentes perdem o prazer nos pequenos estímulos da rotina diária. Eles precisam fazer muitas coisas para ter prazer, o que gera personalidades flutuantes, instáveis, insatisfeitas (CURY, 2003, pp.12-14).

Reparem que o médico alerta para as influências da mídia no comportamento dos jovens. É um contato que expõe abertamente o aluno a estímulos prazerosos que de certa forma viciam os mesmos de tal forma que se tornam adultos com certa insatisfação ou instabilidade. A escola contrasta com esse universo dinâmico e até frenético, pois, as aulas ainda são pouco dinâmicas, os professores não são o centro das atenções, muito pelo contrário, os mestres se tornaram algo arcaico, sem querer generalizar. Como lidar com jovens mais acelerados e com uma mídia tão influente nos seus cotidianos? Um caminho, talvez, seria introduzir os recursos da tecnologia nas aulas, tentar adequá-la aos tempos modernos. É uma tarefa difícil e mesmo assim não garante a completa atenção deles. É possível constatar que a impaciência dos educandos na sala de aula não é algo que eles decidem, pois, não se trata de uma implicância com os docentes, embora saibamos que a postura do professor exerça uma influência também, tanto positivamente como negativamente. Pois bem, essa complexa relação docente-discente será mais bem analisada adiante, como também, a necessidade de se adequar às novas tecnologias e mudanças nas relações de trabalho.

A docência e a discência no centro da tormenta

Como vimos, o mundo passou por intensas transformações, ao passo que a escola parece continuar com metodologias ultrapassadas. O mesmo pode-se dizer da postura dos professores que ainda pensam que o aluno ideal é aquele quieto e obediente. Isso não existe mais, as crianças e adolescentes são acelerados, simplesmente pelo fato do mundo ter se tornado mais veloz. Como se não bastassem os desafios típicos de um planeta conectado e extremamente dinâmico, ainda teve o infeliz surgimento de um vírus que tem afetado com intensidade, diversos povos, acarretando mortes e agravando crises. É um triste cenário, lembra um ambiente apocalíptico, como nas histórias de tragédia. É nessa realidade caótica que professores e alunos tiveram que dar uma resposta rápida aos acontecimentos. A escola saiu sem o devido preparo e repentinamente da sua “zona de conforto”, de uma hora para outra, viu-se obrigada a assumir um ensino remoto, tendo que confrontar-se com suas concepções enraizadas de ensino, tendo de aprender de uma forma distinta as novas tecnologias. Isso tornou-se um problema, porque, a mentalidade coletiva não é algo que muda rapidamente, como também, as defasagens de conhecimento.

A pandemia do novo corona vírus colocou ainda mais a escola de frente para uma problemática já existente, mas que a mesma evitava enfrentar com mais vigor. Há muito tempo a sociedade cobra da escola uma modernização e uma mudança de prática dos professores. Ninguém esperava que esse “desconforto” de se confrontar de modo mais acentuado com o mundo digital viria através de uma ameaça biológica global de gigantes proporções. Dessa dolorosa experiência, lições podem ser tiradas, como, por exemplo, a ideia de que aula é somente o professor de frente para o aluno passando-lhe lições no quadro. Essa visão, possivelmente, começa a ser mais questionada, da mesma forma que se começa a pensar melhor sobre a falta que faz a presença física do professor. São hipóteses, seria necessário realizar uma pesquisa empírica para ter a clareza dos impactos da pandemia na educação escolar. O professor José Carlos Libâneo considera que a tecnologia não é uma inimiga do professor, embora pense que é fundamental adaptar-se à mesma. Para o autor, é possível usar a tecnologia como uma aliada, desde que repensemos a escola:

Ao contrário, pois, do que alguns pensam, existe lugar para a escola na sociedade tecnológica e da informação, porque ela tem um papel que nenhuma outra instância cumpre. É verdade que essa escola precisa ser repensada. E um dos aspectos mais importantes a considerar é o de que a escola não detém sozinha o monopólio do saber (...) a educação acontece em muitos lugares, por meio de várias agências (...) a escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora e transformar-se num lugar de análises críticas e produção da informação (LIBÂNEO, 2011 pp.27-28).

Pensar no professor como o único ou grande detentor do conhecimento é um ato ingênuo. Assim como pensar que a escola sozinha cumpre a missão salvadora de formar os alunos para o mercado de trabalho e para a vida. A escola educa com o mundo e se não se adapta às mudanças, vai se tornando obsoleta e deixando de cumprir a sua função social. Como esclarece o professor Libâneo, o docente virou uma espécie de mediador da aprendizagem, é o agente que cria as possibilidades para que a informação em estado bruto (sem análise) se transforme analiticamente em conhecimento. Para a escola ser de fato o espaço privilegiado do saber é fundamental ajustar-se às tecnologias. Ser um lugar de oferta de acesso à Internet, garantindo a inclusão dos excluídos digitais, ser o espaço da atualização contínua do que ocorre no mundo, de respostas rápidas e inovadoras para problemas locais e gerais. É uma construção coletiva que exige disposição para abandonar crenças ou ideias limitadoras e assumir posturas mais inovadoras, críticas e criativas. A Silvia Maria Manfredi tem um posicionamento crítico acerca do papel da escola na sociedade capitalista:

Na sociedade contemporânea, as rápidas transformações no mundo do trabalho, o avanço tecnológico configurando a sociedade virtual, os meios de comunicação incidem fortemente na escola (...) Transformar práticas e culturas tradicionais e burocráticas da escola não é tarefa simples (...) Não ignoramos que esse desafio precisa ser prioritariamente enfrentado pelas políticas de governo. Todavia, os professores são profissionais essenciais na construção dessa nova escola (MANFREDI, 2002 p.12).

A pesquisadora tem um pensamento que converge com a análise de Libâneo, ambos, entendem que a renovação da escola é vital para dar uma efetiva resposta aos novos desafios que são colocados pela contemporaneidade. A autora ressalta que a mudança não deve ser colocada sobre as costas dos docentes, pois, também é uma

questão de política de governo. É uma ingenuidade pensar que somente a escola é capaz de resolver tudo, como também, é perigoso ou arriscado esperar que as soluções adequadas venham somente das políticas educacionais. Não adianta criar política de formação continuada em novas tecnologias, modernizar as escolas, se os próprios docentes estão agarrados às suas práticas convencionais. Da mesma forma, pensar no professor aberto às mudanças e frustrado diante da ausência de uma política modernizadora, também é um problema que devemos considerar. A modernização das escolas só tem sentido com o aperfeiçoamento das práticas dos professores.

O desafio da escola hoje é expressivo não somente por conta dos avanços da tecnologia. Na verdade, o perfil de trabalhador mudou e isso tem de ser tratado com todo o cuidado. Agora, cabe frisar que o discente da pós-modernidade tem diferenças em relação àquele de épocas anteriores. Não somente o perfil de educando se modificou, por pressão ou influência do ambiente social, o trabalho docente também sofreu e ainda sofre pressão para enquadrar-se às novas exigências. No passado, a instituição escolar secundária atendia uma clientela de uma classe social mais abastada e atualmente a oferta de ensino público expandiu-se para camadas mais pobres da sociedade. A Silvia Maria Manfredi trata desse assunto em questão e o mesmo será analisado mais à frente. Sobre a inovação na educação, é importante ressaltar que acontece de modo lento e a lentidão tem relação com um contexto de dificuldades que envolvem o magistério. O mestre não deve ser um mero técnico, sua função precisa ser entendida de maneira mais ampla. É fundamental que o mesmo assuma uma postura atuante e crítica para de fato chegarmos à construção de uma inovação educacional (IMBERNÓN, 2011, pp.20-21). Quem colabora com essa discussão é Maria Luiza Belloni:

As sociedades contemporâneas já estão a existir um novo tipo de indivíduo e de trabalhador em todos os setores sociais e econômicos: um indivíduo dotado de competências técnicas múltiplas, habilidade no trabalho em equipe, capacidade de aprender e adaptar-se a situações novas. Para sobreviver na sociedade e integrar-se ao mercado de trabalho do século XXI, o indivíduo precisa desenvolver uma série de capacidades novas: autogestão, resolução de problemas, adaptabilidade e flexibilidade frente a novas tarefas, assumir responsabilidades e aprender por si próprio e constantemente, trabalhar em grupo de modo cooperativo e pouco hierarquizado (BELLONI, 2012, pp.22-23).

É essencial pontuar algumas questões colocadas pelos autores. Numa sociedade desigual como a brasileira, o ensino, sobretudo o público, deve ter uma função não somente de promoção da adaptação dos estudantes ou trabalhadores ao mercado de trabalho altamente exigente. O Libâneo e o Imbernón, por exemplo, consideram em suas análises a necessidade de uma educação crítica, de uma mudança ou inovação dentro de uma perspectiva de transformação social e não apenas na ótica empresarial, ou capitalista. Na lógica do capital, as inovações são realizadas, tanto na economia, como no trabalho, muitas vezes, sem uma perspectiva de larga inclusão dos grupos socialmente excluídos. Uma educação para o acesso ao mercado é indiscutivelmente necessária, no entanto, é vital para a sociedade, criar mecanismos claros e legítimos de contestação do *status quo* e, nesse sentido, a educação escolar tem uma contribuição que pode ser dada, caso esteja de fato orientada para essa finalidade.

Trazendo a discussão para o ambiente escolar, pois, é um dos espaços em que as contradições sociais apontadas são mais visíveis, as constatações obtidas a partir da análise da realidade escolar apontam para o fato que no século XXI as escolas atendem uma diversidade enorme de alunos, com histórias de vida diferentes e até mesmo de nacionalidades diversas. Esse espaço de diversidade e complexidade da escola com a intensidade da vida pós-moderna tem colaborado para explosões de tensões entre os professores e seus alunos. A pandemia aprofundou as disparidades, deixou o aluno desorientado, o professor desolado. Começou um debate acalorado acerca do acesso à Internet. De repente, todos repararam com mais atenção que as escolas estavam atrasadas em relação à tecnologia, viram também que conheciam pouco sobre novíssimas ferramentas e os próprios alunos entenderam que estavam mais familiarizados com as redes sociais e pouco inclinados às plataformas e métodos inovadores de ensino. Essa é a concepção que tenho da vivência do ensino remoto. Prosseguindo, a Silvia Maria Manfredi, posiciona-se em relação ao papel da escola no passado:

Se, hoje, o imaginário social entende a escola como uma instituição que tem por função preparar os jovens para o ingresso no mercado de trabalho historicamente, a constituição da escola esteve vinculada à formação para o trabalho. Institucionalmente, ela foi criada para preparar grupos seletos de pessoas para o exercício do comando, do poder e da direção social (MANFREDI, 2002, p.51).

Para a autora, a escolarização atrelada ao capitalismo prepara de maneira diferenciada os grupos sociais, sendo que, as classes ditas superiores tendem a receber uma atenção especial, pois, dispõem de recursos que possibilitam acesso a uma educação de melhor qualidade. Essa diferença de direcionamento do ensino criou categorias de trabalhadores profundamente hierarquizadas, umas mais voltadas para a administração ou comando e outras mais direcionadas para a execução de tarefas. Dessa configuração, surgem relações de trabalho assimétricas e marcadas por uma relação de subserviência ou dependência. As formas mais recentes de presença do capital têm modificado consideravelmente as condições de emprego, tornando-os mais instáveis. É o que os capitalistas denominam de flexibilização. É importante destacar que a promessa de progresso do capitalismo se mostrou uma inverdade, posto que, vivemos um desemprego amplo e estrutural, uma instabilidade no trabalho nunca vista com as reestruturações produtivas. Isso criou um ambiente de incerteza no mundo do trabalho, por conseguinte, criou também um clima de dúvida e receio nos jovens que buscam um emprego. É um cenário desolador e agravado pela crise sanitária que assola o planeta, aumentando mais as incertezas quanto ao futuro tanto do trabalho como da escola. Sobre as alterações econômicas e desemprego segue uma reflexão:

[...] as políticas macroeconômicas, adotadas pelos governos brasileiros, de inserção dependente da economia no processo de mundialização têm características excludentes, isto é, não resultam em crescimento de taxas de emprego, das taxas de ocupação do trabalho formal (MANFREDI, 2002, p.49).

A partir do que foi explicitado até o momento, é possível constatar que o ato de educar deve direcionar-se não somente para o ajustamento à sociedade, como também para a superação de um modelo capitalista que provoca desigualdades e desemprego. Não adianta muito mudanças de postura e metodológicas sem uma real formação crítica. Esse é um ponto, outro aspecto que merece destaque é o lado pedagógico da crise sistêmica que enfrentamos, digo dessa forma, porque se trata de um conjunto de crises (social, econômica, política, sanitária e escolar). O vírus ajudou a descortinar as nossas fragilidades tanto no âmbito social como no âmbito escolar. De um lado, um

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

pandemônio de natureza político-social e uma pandemia. Do outro lado, as mazelas de uma educação escolar que ainda não entendeu seu papel no mundo. A ponta desse *iceberg* é o conjunto de práticas e relações envolvendo os docentes e discentes. Um dos centros dessa tormenta é a sala de aula, antes física, agora virtual, temporariamente por causa da pandemia. A mudança de físico para virtual não reduziu os conflitos e dificuldades, pelo contrário, foram acentuados. É nesta relação que estoura ou explode problemas emocionais e socioeconômicos, pressões dos mais diversos tipos, vindas da escola e também dos órgãos oficiais. A função da escola não é só cumprir as funcionalidades que lhes são atribuídas, mas também desenvolver suas próprias ações, aderindo ao sistema quando a proposta é emancipatória e opondo-se quando a ideia e ação não são condizentes com o bem coletivo ou institucional.

Considerações finais

A sociedade brasileira inseriu-se no processo de globalização de modo periférico e dependente, isso representou impactos econômicos e tendências modernizadoras, no entanto, aprofundou as disparidades sociais e regionais. O sistema é contraditório, tem o aumento das riquezas, mas tem também a concentração de renda. O desemprego e a precarização são componentes dessa realidade. Como se não bastasse às crises do sistema, ainda enfrentamos uma pandemia que tem impactado o sistema de saúde que já vinha sofrendo com o desinvestimento. A globalização tem faces diversas e tem sido considerada negativamente por conta dos seus efeitos na sociedade. O geógrafo Milton Santos entende o processo dessa maneira e outros pensadores das ciências humanas também projetaram e continuam projetando um cenário de aumento da pobreza e miséria no mundo. No centro da tormenta, entre outras áreas, aparece a escola e mais especificamente a sala de aula, espaços onde se encontram os problemas construídos socialmente. As classes superlotadas e com uma diversidade de características e problemas. Os alunos com as suas defasagens e os professores sem formação adequada e condições psicológicas de lidar com as dificuldades. A pressão é interna, por meio das equipes diretas e externa, por meio das pressões sociais.

As mudanças tecnológicas pressionam os docentes a se adaptarem, principalmente neste período de pandemia e ensino remoto. Os docentes e alunos foram lançados numa realidade diferente daquela que estavam acostumados e sem um suporte adequado dos governos. Nesse sentido, conclui-se que a relação entre professor e aluno absorve as tensões sociais e muitas vezes as respostas são buscadas dentro do próprio espaço escolar. É como se a escola fosse algo independente sem ter uma conexão com questões econômicas e políticas. O desafio da escola não é somente a inovação tecnológica e metodológica e nem o aumento da aprendizagem. Seu desafio central deve ser construir uma cultura de contraposição ao sistema e atuação política. Uma cultura de valorização da postura crítica.

O mundo clama por uma resposta mais combativa da escola e não somente adaptativa. É claro que o alinhamento com tendências de modernização da escola são aceitáveis e devem ser incentivadas, desde que não mexam com a identidade, autonomia e direitos da comunidade escolar. A consciência crítica e o protagonismo da escola nas lutas populares legítimas são as características que mais importam no enfrentamento dos problemas. Dessa forma, a escola começaria a deixar de ser compreendida como espaço de deficiências. A posição de “bode expiatório” vem da ideia que a escola tem o dever de salvar-se e salvar o país, sozinha e de que fracassa nessa missão. Isso é uma ilusão, uma fábula contada e absorvida por muitos. Portanto, a redefinição da escola é político-pedagógica e exige uma construção coletiva e um protagonismo de professores e alunos.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1999, 145p.

BELLONI, M.L. **O que é mídia-educação**. 3ªed. Campinas-SP: Autores Associados: 2012, 102p.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante: 2018, 170p.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** 19ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra: 2018, 629p.

IBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** 9ªed, v.14. São Paulo: Cortez: 2011.127p.

LIBÂNEO, J.C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13ªed, v.2. São Paulo: Cortez: 2011, 102p.

MAGNOLI, Demétrio. **O mundo contemporâneo: relações internacionais 1945 – 2000.** São Paulo: Moderna: 1996, 224p.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 21ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, 128p.

MANFREDI, S.M. **Educação profissional no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2002, 317p.

NOGUEIRA, N. R. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao Desenvolvimento das múltiplas inteligências.** 6ªed. São Paulo: Érica, 2001, 195p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 27ªed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2017, 174p.

Recebido: 15/9/2020.

Aceito: 10/12/2020.

Autor:

Márcio Andrade Lyrio Baldes - Professor de Geografia, Filosofia e Sociologia da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ). Especialista em Gestão Escolar (FAETEC). Licenciado em Pedagogia (UENF). Licenciado em Geografia (IFF).

Rua Dr. Ricardo Quitete, 191, CEP: 28020-155. Parque Jockey Club. Campos dos Goytacazes –RJ. Telefone (22) 997199622

E-mail: malbgeocefet@gmail.com



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.

ISSN 2594-8806